

IMAGINÁRIOS SOCIAIS EM MOVIMENTO

A obra da qual agora faço esta resenha é intitulada *Imaginários Sociais em Movimento: oralidade e escrita em contextos multiculturais*. Os autores são professores da Universidade Federal do Ceará e da Universidade de Lyon 2, na França, além de alunos do Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC. Os variados trabalhos, resultantes de um projeto comum, de oito anos, foram organizados pelos seguintes docentes: Júlia Miranda (UFC), Ismael Pordeus Jr. (UFC) e François Laplantine (Universidade de Lyon 2).

Os capítulos refletem pesquisas amadurecidas por sociólogos brasileiros e franceses no Colóquio Internacional sobre *Oralidade, Textualidade e Transformações dos Imaginários Sociais*. De acordo com a apresentação da obra por Júlia Miranda, a pesquisa perfilhou três linhas no estudo do imaginário, considerando seu movimento, inteligibilidade e relações: 1) A dinâmica do esgotamento, ressurgimento e recomposições dos imaginários sociais; 2) O estudo das imagens, mitos e narrativas em Lyon e Fortaleza; 3) A identificação dos símbolos e mitos que compõem as representações sociais.

O objeto geral da pesquisa - os imaginários sociais - é considerado em formas variadas (rituais, assim como discursos escritos e orais) em circunstâncias bem diferentes. O enfoque é orientado por questões ligadas ao movimento vital das imagens, à sua continuidade descontínua através da memória e à mudança de forma (transposição da oralidade à textualidade).

A primeira parte - RECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS SOCIAIS EM CONTEXTOS MULTICULTURAIS - inicia com a análise feita por Júlia Miranda sobre religião e política, em duas situações concretas bem definidas: as candidaturas de Fátima Leite, da Renovação Carismática Católica (RCC), e de

De: Júlia Miranda, Ismael Pordeus e François Laplantine (orgs.)

Imaginários sociais em movimento: oralidade e escrita em contextos multiculturais
Campinas: Pontes Editores, 2006

Por: **GLAUCO BARREIRA MAGALHÃES FILHO**
Professor da Faculdade de Direito da UFC e
Doutorando em Sociologia/UFC

representantes de grupos pentecostais, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Acerca de Fátima Leite, observa-se que não era uma candidata oficial da instituição religiosa a que estava vinculada,

embora o fato de ter um programa radiofônico disseminador de suas convicções religiosas, bem como a prática de rezar o terço nos bairros, tenham tornado pública a sua profissão de fé. Apesar de ter atribuído sua vitória nas urnas ao **livre** sentimento religioso do povo simples, procurou a orientação cardinalícia para sua condução na arena política, logo após o resultado das eleições.

Os candidatos da IURD, por sua vez, têm sido normalmente indicados por seus dirigentes, sendo escolhidos entre pastores sem experiência anterior na vida política. Tais candidatos alimentam seus discursos com a idéia da necessidade de defender a Igreja dos ataques “preconceituosos” da sociedade. O fiel é chamado para se submeter à indicação do candidato a partir do seu sentimento de fidelidade aos ideais da Igreja. Já os candidatos da Assembléia de Deus se apresentam espontaneamente, sendo recomendados pelos pastores, depois de consulta ao povo.

Júlia Miranda observa haver nesses grupos um desprezo pelo partido escolhido pelo candidato, bem como a inexistência de um projeto político global-participativo, já que os programas não passam estratégias para fins corporativos.

José Machado Pais trata do “poder da linguagem no imaginário da sedução”. A linguagem é compreendida em sentido amplo, incluindo as expressões oral, corporal e textual. Há uma análise dos relacionamentos virtuais com sua dialética de identidade/encobrimento. Os conceitos de “amor líquido” (Bauman) e “máscaras”, bem como a “hermenêutica do desejo” (Foucault) também são ferramentas de estudo.

Machado Pais mostra a fragilidade dos relacionamentos virtuais expressa no uso do termo “conectar-se”. Também desvela o hedonismo moderno, apontando-o como imaginativo e auto-ilusório.

Maria Auxiliadora Lemenhe orienta sua pesquisa para as diferentes figurações do Presidente Lula: traidor, companheiro e populista. Suas observações partem do que é veiculado pelos meios de comunicação.

Segundo Lemenhe, Lula é caracterizado como traidor pela ala esquerda de seu partido, por outros partidos de ideologia socialista, pelo PSDB e, principalmente, pelo PFL. Tal figuração decorre de inúmeras medidas contrárias a posições anteriormente defendidas pelo PT.

O Lula “companheiro” traduz sua lendária posição de líder sindical. A memória dessa situação pretérita do Presidente é conservada por sua quebra de ritos, pela linguagem coloquial e outras ações nas quais procura demonstrar proximidade com o povo.

O Lula “populista” se revela nos contatos diretos com o povo, personalismo e ausência de mediação de partidos; também é garantido por políticas de compensação social. O populismo de Lula, entretanto, não é tão inclusivo como o foi o de Getúlio Vargas.

Raymond Mayer analisa o imaginário que se efetivou sobre uma personalidade política na França: Charles de Gaulle. A sua pesquisa considera as transformações do imaginário social em diferentes contextos de referência, bem como as ligações e passagens do imaginário individual para o coletivo.

II

A segunda parte da obra trata de IMAGENS, NARRAÇÕES E RITUAIS. Inicia com um exame feito por Ismael Pordeus Júnior dos “processos de reetnização da umbanda pelos grupos indígenas do Ceará”.

Pordeus Júnior observa, curiosamente, a adesão dos índios Pitaguari e Tremembé à umbanda como uma forma de reforçar a construção de suas identidades étnicas. Explica que os índios representam a grande força da umbanda no Ceará.

Irlys Barreira examina narrativas como formas de vivenciar e apresentar uma cidade, no caso, Lyon. Sua pesquisa parte de guias turísticos, rituais de visitação, cartografias, relatos orais e catálogos. Considera a pluralidade de narrativas, entre as quais destaca a que é feita para os visitantes (apresentação

da cidade) e a que é feita para os moradores (integração dos habitantes). Inspira-se nas reflexões de Ítalo Calvino, tomando-as como uma metáfora para suas considerações sociológicas.

Roseane Freitas Nicolau relaciona os rituais da Renovação Carismática com transformações das práticas católicas. Ressalta a presença de excitação típica dos espetáculos populares nas reuniões carismáticas. Identifica a presença de uma nova significação de elementos do pentecostalismo dentro da religiosidade católica, mas também observa uma retomada de pontos do catolicismo popular. Conclui que as “novas práticas” são provenientes de transmutações das velhas.

François Laplantine procura definir sua perspectiva nas pesquisas que realizou no Brasil. Seus itinerários são do oral ao escrito, do oral ao oral, do escrito ao oral e do escrito à tela. Relaciona corpo e narração, entendendo esta última como oposta à abstração: a narração é um exercício da linguagem com engajamento do corpo.

Laplantine propõe a adoção de uma nova disciplina – a etnocenologia – para distinguir os comportamentos cotidianos daqueles que são codificados por ritos (como os da umbanda ou do candomblé). O “espetáculo” (teatro) seria um modelo privilegiado no imaginário social brasileiro, enquanto nos EUA seria o cinema e na França seria a literatura.

Laplantine ainda constata a influência francesa no kardecismo brasileiro, bem como destaca a importância dos enunciados performativos no pentecostalismo e o caráter icônico do catolicismo.

Titus Riedl expõe sua pesquisa sobre bilhetes e cartas de promessas e súplicas em Juazeiro do Norte. Destaca a ausência de critérios morais (auto-crítica ou arrependimento) na tradução das aflições de muitos daqueles que fazem os votos, pois identifica entre os peregrinos muitas pessoas que se lamentam da perda de coisas cuja posse ofenderia a moral religiosa oficial.

Nobert Bandier considera o aprofundamento do imaginário social da população de Fortaleza, fazendo uma reconstrução da influência do grupo poético “Padaria Espiritual”. Bandier informa que esse grupo contemporizou a violência simbólica que se seguiu à proclamação da República, e, em face disso, procura

explicar as relações da “Padaria Espiritual” com o processo de modernização.

Nadine Decourt estuda a “arte de contar” – a gênese do conto, o trajeto do conto, a recitação do conto, o contar e o recontar – entre as populações emigradas da cidade de Lyon.

Martine Kunz descobre a “história” do imperador Carlos Magno num folheto nordestino. Constata a presença do ciclo carolíngio da canção de gesta francesa na literatura de cordel do Nordeste. A partir daí, estuda os modelos de valentia na literatura de cordel como herdeiros dos ideais guerreiros da Idade Média, com seus princípios cavaleirescos de honra.

Abdelhafid Hammouche se propõe a compreensão das redefinições de autoridade em relação aos imigrantes magrebins, através da linguagem prática dos símbolos e das estruturas de socialização.

Martin Soares comenta a tensão entre duas perspectivas sobre etnia no Brasil. A primeira delas, defendida por Gilberto Freyre, considera a afetividade brasileira sem levar em conta a experiência diaspórica. Julgava-se que isso favoreceria a uma democracia racial, principalmente com o encontro do negro com o branco no mulato. Essa idealização, entretanto, supunha uma benevolência do colonizador português. A segunda visão ressalta um retorno às origens raciais, colocando os afro-descendentes de um lado e os “lusodescendentes” de outro.

O termo afro-brasileiro ou afro-descendente traduz a preocupação de associar dois espaços geográficos e culturais distintos: África e Brasil. Imaginam-se pedaços da África inseridos no Brasil com demarcação étnica definida. Martin Soares não vê aí apenas uma categoria, mas uma dinâmica que interferirá na construção política do Brasil.

III

A última parte trata de CONFLITOS POLÍTICOS, PATRIMÔNIO CULTURAL E IMAGINÁRIOS SOCIAIS.

César Barreira comenta sobre a influência da honra e da violência na formação do imaginário do corso.

A ilha de Córsega localiza-se no Mar Mediterrâneo, sendo administrada política e economicamente pelo governo francês. O sentimento de autonomia

do corso, porém, o leva a fazer a distinção entre o “sistema continental” (francês) e o “sistema insular”. Já as lutas, guerras e rivalidades que caracterizam a história da ilha contribuem para a formação da imagem de um “povo guerreiro”, com forte sentimento de honra. Tal ênfase fomenta sentimentos de vingança e ocasiona o aparecimento dos “bandidos de honra”, exigindo medidas fortes de segurança do governo francês. Paradoxalmente, há também um discurso de emancipação orientado pelo paradigma da modernidade democrática, o que gera uma situação pendular na definição da identidade da sociedade corsa.

Thierry Valentin faz uma avaliação crítica de um artigo escrito por Fernando Pamplona acerca do debate racial no Brasil, tendo em vista as políticas de ação afirmativa nas universidades. Pamplona entende que o Brasil é composto de um povo mestiço com múltiplas e indivisíveis heranças. Sugere uma democracia racial com um discurso que recorda o de Gilberto Freyre. Valentin comunga da preocupação de Pamplona de evitar a racialização em um país que mostra a esperança de formar uma identidade global a partir de heranças diferentes. No entanto, conclui que as reivindicações raciais ainda são melhores que a dominação encoberta em fantasias lusotrópicas.

Beatriz M. A. de Heredia e Moacir Palmeira distinguem o voto de escolha do voto como adesão. O voto-escolha é uma decisão individual em um determinado momento. A adesão é um progressivo compromisso de um indivíduo, uma família ou um grupo, que ultrapassa o *tempo da política*.

Durante o *tempo da política*, as famílias indiferentes ao processo político, passam a se engajar nele, de modo que as facções passam a ser identificadas. Nessa hora, as múltiplas partes da sociedade disputam por participação, influência e favores.

Em algumas regiões (principalmente rurais), a política é vista como atividade masculina. O voto do chefe da família define o dos seus componentes, garantindo a unidade familiar. Isso leva os políticos a realizarem visitas aos chefes de família com o fim de obter sua adesão.

A adesão pode aparecer como uma manifestação de gratidão resultante de favores e dádivas recebidos. A compra do voto, entretanto, se submete a algumas regras de discrição. Certas práticas ostensivas podem

ter o efeito indesejado, ou seja, a perda dos votos.

Maria Neyára de Oliveira Araújo elabora uma análise dos SELs na França. Trata-se de sistemas de trocas local que funcionam como espaço aberto e pragmático de troca de bens, trabalho e saberes. Neles se procura a segurança coletiva através da proximidade e da solidariedade. A entrada depende da adesão a um conjunto de condições previamente definidas.

Nos SELs, há uma “unidade de conta” (símbolo de trocas) que funciona (embora não se queira admitir) como uma moeda paralela. Os SELs não são a parte pequena do Mercado Grande, mas o espaço de negação dos seus atributos (anonimato da divisão do trabalho, indefinição do limite de troca). Apesar disso, o Mercado permanece sendo o limite dos SELs.

A emergência dos SELs “se justifica pelo enfraquecimento das normas sociais do passado”. Resultam do desejo por um novo socialismo fundado no mutualismo, na auto-gestão e na organização cooperativa dos produtores e consumidores. Enquanto o século XIX testemunhou o surgimento da esfera pública burguesa, o início do século XXI é o marco do surgimento da “esfera pública plebéia” (Habermas). Surge, assim, mediante os SELs, a possibilidade de uma “sociedade de bem estar” na qual uma nova modalidade de regulação dos conflitos para substituir o espaço público regulado pelo Estado aparece como proposta.

Linda M. P. Gondim aborda o papel político-cultural do Centro Dragão do Mar (CDM) em Fortaleza.

O CDM foi construído em 1998 pelo governo estadual. É fruto das políticas públicas desenvolvidas nas últimas décadas do século XX, cujos projetos urbanísticos ocupam-se da promoção da imagem da cidade. Tais projetos conduzem um planejamento estratégico que vislumbra o espaço como fonte de lucro. Desse modo, as representações da cidade se submetem à lógica cultural do capitalismo tardio.

Os discursos científicos ou técnicos no contexto pós-moderno fomentam a produção ficcional da história; daí a associação do Centro cultural com “Dragão do Mar” (Francisco José do Nascimento), pois é dito que o famoso cearense guardava sua jangada nas proximidades do CDM.

O CDM revitalizou a área portuária e se tornou objeto de uma ousada política cultural que procura

inserir Fortaleza na categoria de “cidade global”. Enquanto a economia cearense se encontra numa fase de modernização incompleta, o CDM reflete uma paisagem urbana pós-moderna.

IV

A obra IMAGINÁRIOS SOCIAIS EM MOVIMENTO: ORALIDADE E ESCRITA EM CONTEXTOS MULTICULTURAIS reúne, portanto, diversas pesquisas com variados objetos e perspectivas. Os assuntos se comunicam em torno da preocupação com a dinamicidade dos imaginários sociais. A existência de trabalhos de brasileiros e franceses, por outro lado, promove uma orientação globalizante. Por tudo isso, sua leitura é recomendada, tornando-se atrativa para estudiosos de várias orientações e interesses.